



DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

## DIANTE DO FIM, O VOO DOS VAGA-LUMES: ECOLOGIAS MENORES NO ANTROPOCENO

COSTA, Victor Anselmo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>vanse.costa@gmail.com

KASPER, Kátia Maria<sup>2</sup>

<sup>2</sup>katiakasper@uol.com.br

Área de Concentração: Educação em Ciências

Linha de Pesquisa: Educação não formal, Artes e Cultura na Educação em Ciências e Matemática

**RESUMO:** A partir da perspectiva de que o Antropoceno nos provoca uma experiência de desestabilização diante das mutações climáticas, fato científico que se estende em crises de ordem social, cultural e subjetiva, nos perguntamos sobre as poéticas ecosófica que poderiam inspirar uma prática vitalista em nossas pedagogias e educações ambientais. Em composição com as filosofias de Georges Didi-Huberman, David Lapoujade, Gilles Deleuze e Félix Guattari, discutimos uma poética dos vaga-lumes, atenta aos processos intensivos de sobrevivência e de experimentação. Linhas de luzes maiores e menores passam a desenhar uma ecologia curiosa, sobre a qual elaboramos reflexões de ordem política, ética e estética. Com as linhas, uma cartografia se faz necessária e, portanto, nos lançamos para um território: ao encontro com a arte de Arthur Bispo do Rosário, na expectativa de oferecer espessura às eco-lógicas nascentes na pesquisa.

**PALAVRAS – CHAVE:** Cartografia. Ecosofia. Arthur Bispo do Rosário. Luz Menor.

## INTRODUÇÃO

“o Ártico derrete e os vaga-lumes aprovisionam  
a paleta dos filósofos  
a Terra vista da Terra  
contradição das contradições (antes  
fosse mesmo a poesia)  
que os olhos vaguem pelas estrelas  
pressupõe-se que os pés ao menos  
estejam aqui”.  
*Solastalgia*, de Adriana Lisboa.

Solastalgia é uma palavra inventada, como todas as outras. Ela expressa um sentimento que nos toca intensamente no contemporâneo: a angústia de perceber que o ambiente se desfaz, é arrebatado por forças devastadoras. Mistura de nostalgia e procura por consolação, essa palavra adquire para mim uma espessura da maior importância. Porque ela é gestada face às demandas provocadas pelo Antropoceno, na articulação pungente entre política, ecologia e subjetividade. Quero dizer, se somos herdeiros desta era das mutações climáticas (“o Ártico derrete”) e, no limite, desta era que desafia a trama da vida com seus aquecimentos atmosféricos e oceânicos, somos também filhas/os de um tempo que nos convida a um deslocamento sobrevivente (“os vaga-lumes aprovisionam a paleta dos filósofos”), de disjunção das lógicas até aqui imperativas, de abrir-se intensivamente ao sentimento de solastalgia para desviar da



XII WORKSHOP  
II ESCOLA DE VERÃO  
PPGECM - UFPR  
07 A 11 DE MARÇO DE 2022 - CURITIBA - PR



DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

história. É a partir deste lugar, presentificado no agora, que essa pesquisa de mestrado lança os movimentos de seu pensamento.

Desde o ano de 2016, que aprendi a chamar com a cantora Patti Smith de “o ano do macaco”, muita coisa brutal aconteceu. Fatos políticos expuseram aquilo que Bruno Latour (2020) em seu livro *Onde Aterrizar?* denominou de “guerra pela definição do teatro das operações”. De um lado, a vitória de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e a saída do país do norte do Acordo de Paris. Na esteira desse acontecimento, presenciamos o recrudescimento da desregulamentação de democracias ao redor do mundo, nutridas de nacionalismos e negacionismos climáticos, algumas das variantes virais da sociedade capitalista contemporânea. O discurso rasteiro dos trumpistas - e semelhantes - de que “nós, os americanos, não pertencemos à mesma terra que vocês. A de vocês pode estar ameaçada, mas a nossa nunca estará!” (LATOURE, 2020, p. 12) se concretiza em imagens grotescas, como a nova corrida espacial que finge apostar em um futuro ecológico fora da Terra, enquanto os efeitos imediatos da crise climática assolam a nós, humanos e não-humanos, que vivemos colados à terra (onde, aliás, preferimos estar!). No Brasil, o ano do macaco foi também o do impeachment de Dilma Rousseff e a consolidação do projeto “Ponte para o futuro” apresentado pelo governo transicional de Michel Temer. *Ponte para o futuro...* Outra vez, as palavras gritam. De lá para cá, o que parece ter se tornado incontornável é justamente a viabilidade do futuro, para o qual nenhum *ticket* de espaçonave ou ponte de austeridade neoliberal oferece garantias. É no calor vivo do ano do macaco que Patti Smith escreve: “o que dizer do futuro logo ali à distância?” (SMITH, 2019).

Ailton Krenak, pensador indígena, se refere ao sentimento de defrontar-se com o futuro na era do Antropoceno como uma “sensação de queda” (KRENAK, 2019), ou ainda, como se prostrar diante de um deserto (KRENAK, 2020). Seu pensamento é inquietante, uma vez que nos convida a viver a experiência da queda ou da travessia do deserto. Já o medo faria parte desse grande mito da sustentabilidade (KRENAK, 2019) que impede de nos conectarmos com os gestos vivos capazes de “adiar o fim do mundo”: sonhar, dançar o cósmico da vida, aproximar o corpo à terra, suspender o céu e expandir nossas subjetividades, para combater os modelos de consumo do planeta, incompatíveis com sua finitude. Não há receitas, mas um chamado ético, político e estético para a construção de modos de tornar o presente habitável - a construção de “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019).

Essas proposições me ajudam a atualizar as questões que me tocam enquanto educador ambiental, percurso que, coincidentemente, tem início durante minha graduação em Ciências Biológicas, no ano do macaco, quando ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Venho compondo educações ambientais aproximando-as daquilo que poderíamos chamar de ecologias menores, daninhas, inventivas ou ainda, na formulação conceitual de Félix Guattari (2011) de ecosofia. Educações ambientais atentas ao sensível, à alteridade, a abertura às diferenças e interessadas no arejamento dos possíveis, por apostar no intempestivo como valor poético. Utilizo este termo, “valor poético”, com bastante atenção, para evocar o sentido da palavra poesia tomada como criação. Ou seja, diante da solastalgia, da sensação da queda ou do deserto, diante do fim, quais os agenciamentos possíveis na construção de um dizer e de um fazer ecosófico? Em quais guerrilhas se empenham nossas educações ambientais e como? Quais poéticas diante da ruína?

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta pesquisa, parto de um processo anafórico (LAPOUJADE, 2017) de elaboração conceitual, na tentativa de oferecer maior espessura à existência daquilo que tenho chamado de poética dos vaga-lumes. Inspirado na filosofia de *A sobrevivência dos vaga-lumes* de Georges Didi-Huberman (2014), no ensaio estético de Junichiro Tanizaki (2017) intitulado *Em louvor das sombras*, e na denúncia do conceito de humanidade como “luminosidade” feita por Ailton Krenak (2019), proponho que cheguemos até o século XXI imersos em uma ecologia das luzes, que é inevitavelmente também uma ecologia das sombras. Ecologia que, durante a modernidade, superestimou a luminosidade como flecha do progresso, da razão e da imposição colonial, em detrimento das tradições, dos povos menores e marginais, das culturas particulares, tidas como “sombrias” ou “obscuras”.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade obscurecida, trazendo-a para essa *luz incrível*. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2019, p. 11, grifo meu).

Se nos dedicarmos a uma cartografia dessa ecologia das luzes nos encontraremos com diversas denúncias, como as de Ailton Krenak, sobre o avanço dessas “luzes incríveis”. Com certo desespero, era o que fazia Pier Paolo Pasolini (2020) na década de 1970 quando afirmava que as culturas marginais da Itália (seus vaga-lumes) desapareciam. Já em 1930, no Japão, Junichiro Tanizaki (2017) compilou exemplos na cultura e nas artes tradicionais evidenciando o apreço nipônico pela escuridão, temendo que essa singularidade de seu povo se perdia com a chegada do ocidente... Em termos tecnológicos, o século XX foi ambicioso em variar, projetar e expandir o alcance da iluminação elétrica, sem se preocupar com seus excessos. Hoje, resguardar recantos de escuridão se tornou também uma problemática ambiental (BOGARD, 2017), que afeta as populações dos mais diferentes animais e plantas.

Os vaga-lumes, esses pequenos besouros alados (Ordem: Coleoptera), portadores de uma luz menor (DIDI-HUBERMAN, 2014), parecem desenhar uma saída ao pensamento biunívoco que imperou na lógica da modernidade. Seu voo se dá ao entardecer, quando a noite chega, e eles precisam dela, pois quando a luminosidade do entorno é excessiva sua dança do desejo se faz ausente. Mais do que isso, o risco que desenham no ar é intermitente, fugaz, lampejante: uma linha de luz menor se faz com os fótons brilhantes tanto quanto com a escuridão que a envolve. Morte e vida em constante e mútua adoração. Propor uma poética dos vaga-lumes é se empenhar na cartografia de outras lógicas, lógicas minoritárias e, portanto revolucionárias, que possam identificar, não apenas àquelas linhas duras das luzes maiores, dos horizontes e do medo paralisante, mas também essas linhas menores, sobreviventes e desviantes, onde ainda subsiste alguma escuridão. Na expectativa de que o devir se faça possível e que uma fuga nos lance em direção a novos territórios (COSTA, 2019; DELEUZE, PARNET, 1998). Por isso seguir com atenção as linhas de luzes dos vaga-lumes, como gesto de constante preparação para uma poética porvir.

## METODOLOGIA

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

“Pois a luz, Bispo me disse, era apenas uma embalagem, uma espécie de truque com que Deus enganava os homens, sendo o mundo feito só de escuridão”.  
*O mordomo do apocalipse*, José Castello.

Falar em linhas de luzes, maiores e menores, molares e moleculares, as linhas de horizonte que engolem tudo e as linhas intermitentes dos pirilampos escapando de toda previsão, de todo controle... Traçar linhas para poder estudar um território, um mapa, não apenas extensivo (no espaço, no tempo), mas também e prioritariamente intensivo, isto é, mapa de dimensões vibráteis, constituindo um plano de consistência que se faz para além dos organismos e das estratificações (ROLNIK, 2016; DELEUZE, GUATTARI, 2017)... A essa estratégia metodológica chamamos cartografia. Uma prática rizomática (DELEUZE, GUATTARI, 2017), que aposta no agenciamento do desejo e na potência do devir instauradoras de uma ética e de uma política do pesquisar. Nas palavras de Luciano Bedin da Costa (2020, p. 28): “penso ser fundamental a uma pesquisa que se diz cartográfica a análise de como se relaciona ou não com os pressupostos de uma ética cartográfica ligada à produção e obstrução do desejo, do acolhimento às linhas de fuga (...)”. Ou seja, cartografar é compor um território com o tema investigado, localizando suas lógicas de poder e desejo e se mantendo em um estado de atenção, cuidadoso, prudente e sensível, para acolher o imprevisto e o incomensurável. Poderíamos dizer que se cartografa precisamente para isso: para encontrar uma linha de fuga ou de voo, devir, experimentação e invenção de mundos. O que se espera de um cartógrafo é que ele possa “dar língua aos afetos que pedem passagem” (KASPER, TÓFFOLI, 2018; ROLNIK, 2016) no encontro que propõe com sua investigação.

Em se tratando de cartografar uma ecologia, a ecologia das luzes e sombras, será preciso agenciar um encontro com um território capaz de trazer à tona novos elementos dessa composição de linhas. Até aqui sabemos, em resumo, que as linhas duras dessa ecologia parecem acionar certas discursividades prospectivas próprias da modernidade, seus discursos em torno do fim do mundo (apocalipse) e da colonização do futuro, que fariam produzir uma linha achatada e ofuscante de horizonte (DIDI-HUBERMAN, 2014). De outro, as linhas intermitentes dos vaga-lumes, crepusculares, cuja dança do desejo possui certas características vitalistas muito particulares: uma insistência no gesto (GODOY, 2020), um modo minoritário de existência (DIDI-HUBERMAN, 2014) e, por seu caráter fugaz e intensivo, ao operar numa lógica temporal outra, aiônica, produzem o que poderíamos chamar, em sintonia com Octavio Paz (2013), de uma “poética do agora”, ou “um fazer o presente habitável”.

Considerando esse esboço de mapa, proponho como próximos passos desse fazer cartográfico um encontro com a vida e a obra do artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário (1909-1989). Sua fala, que abre essa seção, em entrevista concedida ao jornalista José Castello, oferece pistas de sua relação com essa ecologia das luzes. Bispo, como gostava de ser chamado, foi um homem, negro e sergipano, que viveu a maior parte de sua estadia na Terra internado na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Tomado como louco (diagnóstico: esquizofrenia paranoide), Bispo afirmava haver recebido a visita de anjos, que lhe segredaram que o Juízo Final se aproximava, e que lhe cabia, portanto, ser o portador dessa mensagem. Durante cinquenta anos, Bispo se dedicou a essa tarefa com insistência, produzindo um imenso dicionário das coisas – objetos – que compunham esse “mundo de escuridão”. Bispo bordou, esculpiu, produziu painéis e cartazes, uma miríade de peças que, em conjunto, poderiam funcionar como um extenso inventário desse cosmos terreno. Hoje, sua obra “artística” é

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

reconhecida como das mais significativas do século XX brasileiro e grande parte dela se encontra no acervo do Museu Arthur Bispo do Rosário de Arte Contemporânea (mBrac), criado no espaço do antigo manicômio.

## RESULTADOS

De um lado, Bispo se defrontava com o apocalipse, angustiado com essa luz totalizadora. “A luz entrou em mim” (CASTELLO, 1999, p. 295), Bispo teria dito sobre o dia da sua primeira revelação. De outro, movia-se obstinado em torno de processos inventivos, sobreviventes, em meio à escuridão, nos quais engajava sua missão infinita debruçando-se sobre coisas chãs, restos, pequeninas e marginais existências. Atravessado simultaneamente e de forma espantosa por essa estranha ecologia das luzes e das sombras. O que podemos aprender se nos aproximamos de seu trabalho com a atenção do cartógrafo que percebe aí o pulsar de uma intensidade? Quais possíveis aberturas Bispo permite operarmos em nosso pensamento diante das poéticas urgentes ao Antropoceno? Quais deslocamentos éticos, estéticos e políticos – ecosóficos – movimenta em nós, em nossos ambientalismos, em nossas pedagogias? Interessado em ir ao encontro deste território, que se confunde, mas não se restringe ao mBrac, espero avançar na elaboração desta poética dos vaga-lumes, contribuindo para a construção de outras eco-lógicas (KASPER, 2014), “por meio da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção”, singularizantes, intensivas, vitalistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia de Adriana Lisboa com a qual iniciamos esse texto foi publicada recentemente em um livro intitulado “*O Vivo*”. Nada aqui é metafórico ou coincidente. Perguntar-se sobre a vida, seus modos, suas velocidades, suas relações, é um dos movimentos centrais dessa pesquisa. Não porque há desespero diante de seu avesso; mas por apostar justamente no contrário, de que o vivo *passa, atravessa, pulsa*, onde há intensidade, mesmo no limiar de toda ruptura. Em uma época de catástrofes, como se anuncia o século XXI, nossas pedagogias podem se tornar cada vez mais atentas ao que de vivo acontece em sua prática: experimentação, abertura de mundos, poéticas outras... Toda uma subjetividade que se move na experiência da queda, do deserto e da solastalgia, na busca por cosmos resistentes, sempre desconhecidos. Como afirmam Kasper e Tóffoli (2018):

A experiência de desestabilização é primordial para a subjetividade, alertando--nos que a vida chegou a um estado desconhecido, presente no corpo, mas ainda sem palavra, gesto e imagem; um estado que impõe ao desejo uma exigência de pensar--atuar para dar-lhe consistência existencial. Momentos em que a imaginação coletiva é acionada para inventar novos modos de existência, novas alianças, sentidos... Potência do desejo.

Dançar com os vaga-lumes, bordar com Bispo, sonhar com Krenak... e assim arrastar educações ambientais prenhes de desejo. Sobre isso trata essa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS



DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

Essa pesquisa em andamento se faz possível mediante a bolsa de Demanda Social oferecida pela CAPES. Agradeço à CAPES por possibilitar a realização dessa pesquisa. Viva a ciência brasileira e a universidade pública e gratuita!

## REFERÊNCIAS

BOGARD, Paul. O fim do escuro. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 10, p. 84–93, 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-fim-do-escuro/>.

CASTELLO, José. O mordomo do apocalipse. In: CASTELLO, José. **Inventário das sombras**. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 283 – 301.

COSTA, Luciano Bedin, AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 912 – 933, set./dez. 2019.

COSTA, Luciano Bedin. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, Pelotas (RS), n. 15, 2020.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. 1). Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DIDI-HUBERMAN, George. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. 1 reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GODOY, Ana [Entrevista concedida a] Leandro Belinaso e Davi de Codes. In: **Na pele do mundo, educações ambientais**. Florianópolis: Casatrês, 2020.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2011.

KASPER, Kátia Maria. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 331-344, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/151673132014000200005>.

KASPER, Kátia Maria, TÓFFOLI, Gabriela de Sousa. Errâncias: cartografias em trajetos deformativos. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.36, n.72, p. 85-98, 2018. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666>.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Radicalmente vivos**. [s./l.]: O lugar, 2020.

Centro Politécnico – s/n – Edifício da Administração – 4º Andar – CEP 81.531-990 – CP 19.081 –  
Jardim das Américas – Curitiba – PR  
[ppgecm@ufpr.br](mailto:ppgecm@ufpr.br) [www.ppgecm.ufpr.br](http://www.ppgecm.ufpr.br)



XII WORKSHOP  
II ESCOLA DE VERÃO  
PPGECM - UFPR  
07 A 11 DE MARÇO DE 2022 - CURITIBA - PR



DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo41p271-277

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?:** como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LISBOA, Adriana. **O vivo**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

PASOLINI, Pier Paolo. **Escritos Corsários**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Editora 34, 2020.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

SMITH, Patti. **O ano do macaco**. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TANIZAKI, Junichiro. **Em louvor das sombras**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.